

SERMAM
NA SOLEMNIDADE DO MILAGROSO,
e Esclarecido Patriarca

S. CAETANO,
FUNDADOR DA SEMPRE ILLUSTRE,
Apostolica, e Exemplar Religiaõ dos Cleri-
gos Regulares da Divina Providencia,

P R E G A D O

*Na Igreja dos mesmos Religiosos desta Corte em o dia 7.
de Agosto do presente anno de 1730.*

Estando patente

O DIVINISSIMO SACRAMENTO,

PELO M. R. P. MESTRE

Fr. THOMAS DE SOUZA,
da Ordem da Santissima Trindade, Redempçaõ
de Cativos, Lente de Prima, e Presentado
na sagrada Theologia.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES.

M. DCC. XXX.

Com todas as licenças necessarias.

SER MAM

NA SOLEMNIDADE DO MILAGROSO

e Eclatado Partiarca

S. CAETANO

FUNDADOR DA SEMPRE ILUSTRE

Apostolica, e Exemplar Religiao dos Cleri-

gos Regulares da Divina Providencia,

PRECADO

Na Igreja dos mesmos Religiosos desta Corte em o dia 7.

de Agosto do presente anno de 1730.

Estando presente

O DIVINISSIMO SACRAMENTO

PELO M. R. P. MESTRE

FR. THOMAS DE SOUZA,

da Ordem da Santissima Trindade, Redempcao

de Cativos, Leite de Prima, e Presentado

na sagrada Theologia.



LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES.

M. DCC. XXX.

LP

18

99

LD

20.256

55278

55278

Com todos os direitos reservados

Faculd

Ciênc

Bibli

C

C

I

o

n

l

s

d

P

o

t

n

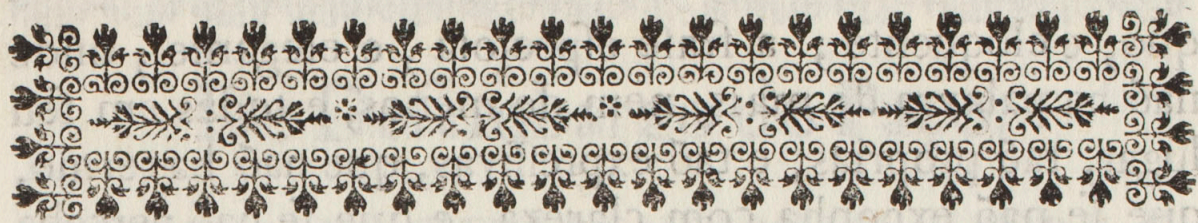
v

e

r

2

53



LICENÇAS.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Do Santo Officio.

CENSURA DO REVERENDISSIMO PADRE Fr.

Boaventura de S. João, Mestre em Theologia, Qualificador do santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Arcebispado de Braga, e Consultor da Bulla da Cruzada.

EMINENTISSIMO SENHOR.

E Ste Sermaõ do Patriarca saõ Caetano, que prègou o M. R. P. M. Presentado Fr. Thomás de Souza, da elclarecida Ordem da Santissima Trindade, além de se conformar em tudo com a verdade, e pureza de nossa Santa Fé, e bons costumes, he hum dos mais relevantes, e excellentes panegyricos, que se tem offerecido à minha leytura, e commettido ao meu exame; nem do Santo, e do seu Instituto se encontrará outra idéa mais bem achada, nem outro assumpto mais conforme, proposto, e explanado com tal erudição, que a fineza do discurso cabalmente corresponde à eleyção do argumento. Os conceytos tão naturaes, que para o intento se não podem com mais felicidade levantar, nem com mais ventura cahir. As escripturas tão doutamente expostas, e tão adequadamente applicadas, que os textos vem de molde para os seus pensamentos. O estilo grave, altílo-

A ij

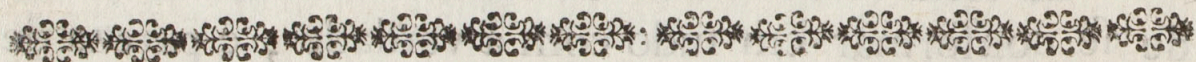
quo,

quo, e eloquente ; a frase especiosa , e elegante , onde
naõ ha palavra de mais, nem de menos, e todas em seu
lugar, taõ proprias, e taõ expressivas, que naõ ha termo,
que se naõ exponha com clareza, e que se naõ perceba
com distincção. O que tudo manifesta , e apregoa o raro
engenho , juizo profundo , e sublime comprehensão do
seu Autor. Pelo que julgo a este Sermaõ dignissimo de
entrar no primeyro lugar do prelo , e de sahir sem te-
mor a publico ; pois estou certo ha de levar a attenção
dos Sabios , e a admiração de todos. Lisboa Occidental
no Hospicio do Duque 15. de Setembro de 1730.

Fr. Boaventura de S. Giaõ.

V Ista a informação , pòde-se imprimir o Sermaõ, de
que se trata , e depois de impresso tornará para se
conferir , e dar licença que corra, sem a qual naõ
correrá. Lisboa Occidental 19. de Setembro de 1730.

Fr. R. Lancaestre. Cunha. Teyxeyra. Silva. Cabedo. Soares.



Do Ordinario.

P Odesse imprimir o Sermaõ, de que se trata, e depois
de impresso tornara para se conferir, e dar licença,
para que corra. Lisboa Occidental 28. de Setembro
de 1730.

Gouvea.

Do Desembargo do Paço.

CENSURA DO REVERENDISSIMO PADRE Fr.

Agostinho de S. Boaventura , da Ordem de S. Paulo primeyro Ermitão , Mestre jubilado na Sagrada Theologia , e Geral que foy da sua Religião.

SENHOR.

VI o Sermaõ, que na solemnidade do Milagre dos Patriarcas o prodigioso S. Caetano prègou o R. P. M. Fr. Thomás de Souza, Presentado na sagrada Theologia, da esclarecida, e sempre fecunda Ordem da Santissima Trindade ; e o meu exame sómente servio para augmentar a veneraçãõ , que já tinha ao Author d'elle ; porque a sua conhecida capacidade , singular talento , e consummada sabedoria arrebatãõ de tal sorte o meu conceyto , que fazendo-me parcial da commua acclamaçãõ, me tirariaõ toda a liberdade de Censor , se não conhecèra , que a bondade das suas obras attrahe o devido applauso com força tão suave, que o faz preciso , mas sem violencia; necessario, mas sem coacçãõ. O seu tão novo , como engenhoso systema foy mostrar a S. Caetano no mundo homem não homem, porque homem sem mundo : esta complicaçãõ de termos entre si tão oppositos sim parecia hum impossivel contradictorio ; mas para hum Patriarca tão admiravel , que no estabelecimento do seu raro , e até-li nunca ouvido instituto soube vencer contradicçoens , só era proprio , e proporcionado hum Orador tão grande , que na idèa do seu panegyrico soubesse vencer impossibilidades. As que nelle pareciaõ invenciveis, propoem, explica, desata, e concia

lía o Author com tanta clareza , energia, efficacia, e elo-
quencia , que elevando-se não menos , que a extrahir
os impossiveis da sua esfera, reduz venturosamente a con-
tradicção a concordia ; porque, qual outro Tertulliano ,
toda, a que podia obstar à verdade do seu futil argumen-
to, ou a desfaz com o pezo do discurso, ou a rompe com
Vinc. a agudeza do engenho : Nihil sibi ad expugnandum propo-
Lirien]. fuerit , quodque non aut acumine irruerit , aut pondere elise-
cap. 44. rit. Mais diffusa seria a minha ponderação, se não pare-
cêra superfluidade o declinar em elogios a censura de
hum Sermaõ, que nem necessita delles, nem o igualaõ os
alheios : e como nelle não ha apice algum, que offenda
o real serviço de V. Magestade , me parece dignissimo
do prelo, para que sahindo a luz, espalhe tanta, que ao
Author, e a toda a sua esclarecida Ordem accrescente o
esplendor. V. Magestade mandará , o que for servido.
Lisboa Occidental no Convento do Santissimo Sacra-
mento da Ordem de S. Paulo primeyro Eremita 30. de
Outubro de 1730.

Fr. Agostinho de S. Boaventura.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo
Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará
à Meza para se conferir, e taxar, e sem isso não
correrá. Lisboa Occidental 3. de Novembro de 1730.

Teyxeyra. Bonicho. Rego.



Querite primùm Regnum Dei.

Matth. 6. v. 33.



Rimeyro que tudo (só vòs soberano Deos , e Senhor nosso) primeyro que tudo buscay o Reyno de Deos. Assim acaba o Euangelho; e assim quer Deos , que comecem , os que crêm , e professaõ a ley Euangelica. Quer que comecem, por onde haõ de acabar : quer que sigaõ o norte de sua divina Providencia : quer , que abnegando-se ao cuidado de tudo o mais , busquem com cuidado o que he mais, que tudo ; que he o Ceo Reyno de Deos : *Querite primùm Regnum Dei.* Soberano conselho , se he que naõ tem força de preceyto ! Naõ poz Deos , senhores, ao homem neste mundo para fixar nelle o seu assento , ou fazer nelle o seu tabernaculo ; que se assim fora , nem Pedro em o Thabor, nem Joaõ, e Diogo em sua supplica foraõ arguidos de nescios : poz sim neste mundo ao homem , para que levantando-se da terra , e sobre a terra , sayba buscar o Ceo. A este fim deve caminhar , e encaminhar-se o homem desde o principio ; porque ainda que o fim seja a ultima cousa, que na execuçaõ se alcança , deve ser a primeyra, que na intençaõ se pertenda. E se a pedra sem mais pezo de razaõ , que

A iiij

a razaõ

a razão de seu proprio pezo, contende com diligencia a buscar na terra o descanso do seu centro, com quanta mayor razão deve contender o homem, segundo a parte, que tem de espirito, a buscar no Ceo o centro de seu descanso: *Quarite primum Regnum Dei.*

V. 25. Disse: segundo a parte, que tem de espirito; e faltou-me fazer menção da outra parte, que he o corpo: mas como este he menos nobre, fallando delle agora, sempre lhe dou o seu lugar. Assim, e por esta mesma ordem falla Christo Senhor nosso da alma, e mais do corpo no Euangelho presente: *Nonne anima plus est, quam esca: eis-ahi primeyro a alma: Et corpus plusquam vestimentum?* Eis-ahi o corpo depois. Por ventura (diz o Senhor aos seus servos) por ventura duvidais, ou pôde alguem duvidar, de que seja mais a alma, que o sustento; o corpo, que o vestido? Pois se Deos, e a sua Providencia sem desvelo, ou diligencia alguma vossa vos deo, e conserva o mais, porque vos não dará, e cuydará do menos? Se a vida, e o corpo, que he o mais, de Deos, e da sua Providencia o recebestes; o sustento para a vida, e o abrigo para o corpo, que he o menos, porque o não fiareis da Providencia de Deos? Não vedes o cuydado, com que mantém, e sustenta as aves do Ceo? Não advertís a elegancia, a pompa, com que veste, e exorna aos lirios do campo? Pois se tanto deve a seu cuydado o vegetavel, e o sensivel, quanto mais lhe deverá o racional? Entregay-vos pois com viva fé à disposiçaõ, e arbitrio da divina Providencia: deyxay os cuydados, que tanto affligem, e molestaõ, das cousas temporaes; e dando de maõ a tudo, o que he mundo, e do mundo, buscay o que só he digno, e merecedor de se buscar, que he o Reyno de Deos: *Quarite primum Eccl.* em cuja Providencia achareis tudo: *Et haec omnia*

omnia adjicientur vobis.

Todas estas razoes , e multidaõ de exemplos forão precisos à eloquencia divina para persuadir aos homens o ponto mais importante, e mais difficil, qual he, e será sempre o desapego do mundo , e a confiança em Deos. Mas que altamente se deyxou penetrar destas razoes , e convencer destes exemplos o coração daquelle grande homem , a quem Deos poz neste mundo não só para credito , mas para retrato vivo de sua Providencia , o glorioso , e esclarecido Patriarca S. Caetano ! Sahio Caetano à luz do mundo ; mas com tal destino para o Ceo , que apenas arrayou em seu discurso a luz deste Euangelho , quando logo se deliberou aos apertos delle. Mas isto fora o menos , se Caetano não passára a mais. O mais, e o muytas vezes mais de Caetano foy, que não só se cingio aos apertos do Euangelho , se não que para si , e para seus filhos apertou Caetano o mesmo Euangelho. Cingir-se aos apertos do Euangelho fora caminhar Caetano pela estrada commua , porque fora fazer o que outros muytos fizeraõ : apertar para si , e para seus filhos o Euangelho foy , sem perder o caminho , seguir Caetano huma estrada nova ; e isto he , o que nenhum outro fez. Eu me explico.

O Euangelho segundo a mente de Christo, e intelligencia dos SS. PP. não prohibe, antes permite , e de algum modo insinua a providencia moderada , e o cuidado prudente das cousas temporaes (trato das que são precisas , e necessarias para a vida.) Nesta forma o entenderaõ , e abraçaraõ os mayores Coryfeos da santidade , e nomeadamente os sagrados Patriarcas , gloriosos Fundadores das Familias mais austéras. Caetano porém , como aspirava a mayor aperto , ou não entendeu o Euangelho como os mais, ou (o que tenho por mais

cer-

certo) não se quiz dar por entendido. E para isto que fez? Cuydou em apertar o mesmo Euangelho; e do seu aperto, que praticado pelos mais era commum, tirou para si, e seus filhos hum aperto novo, e nunca d'antes praticado.

De modo que o Euangelho bem construido tem seus apertos, e tem suas largas: tem seus apertos no que aconselha; e tem suas largas no que permite. Tem seus apertos no que aconselha; porque aconselha a confiar de tal modo em Deos, que esperemos tudo da sua Providencia. *V. 32. Scit enim Pater vester, quia his omnibus indigetis:* tem suas largas no que permite; porque não prohibe o cuydado, e diligencia prudente de ter, ou pedir aos homens aquillo mesmo, que nos manda esperar da Providencia de Deos; por isso não diz: *Nolite habere*, ou *Nolite petere*; senão: *Nolite solliciti esse*, que he procurar com ansia os bens da terra, desconfiando dos subsidios do Ceo, e recorrer à providencia humana com desconfiança da divina. Estes são os apertos, e as largas do Euangelho. Caetano porém, pondo-se fóra da estrada commua para buscar com novidade o Reyno de Deos, tomou para si, e seus illustres filhos tudo, o que no Euangelho são apertos, e deyxou aos outros as largas, ou larguezas do Euangelho. Mas não disse bem: tomou Caetano para si, e seus illustres filhos os apertos, e fez apertos do que eraõ largas. Nada, e tudo foraõ os dous pólos, ou eixos do Ceo, a que se arrimou este famoso, e desmarcado Atlante da Providencia: nada do que o Euangelho me permite: tudo do que o Euangelho me aconselha: do que o Euangelho me permite, que he ou ter, ou pedir, nada: do que o Euangelho me aconselha, que he esperar do Ceo tudo: *Quarite primum &c.* tudo.

Assim o está dizendo, e apregoando ao mundo todo

do aquella por tantos titulos rara , e celestial norma de vida , que a primeyra vez ouvida, e exposta à Curia Romana, a huns pareceo delirio, a outros temeridade: aquelle sobrehumano , ou divino Instituto feyto mais para Anjos , que para homens , mais para bemaventurados, que para viadores , com que Caetano se fechou a boca a si , e a seus filhos , renunciando não só o ter , mas o pedir , e vivendo no mundo , como se não fora homem , nem homem deste mundo. Ora paremos aqui, que he já tarde para mudar de pensamento. E pois este foy o heroico, e singularissimo systema de Caetano, este será o meu systema, ou argumento do Sermaõ. Mas que argumento, ou que systema? Já está insinuado : Caetano no mundo homem não homem , porque homem sem mundo. Confesso, que não tenho outras palavras , com que explicar melhor o sagrado horror , que me está mandando à idèa a vida , e empreza de Caetano ; mas facilmente as conseguirey, se o mesmo Santo me assistir com seu favor ; e a Mãy de Deos , que tambem he , e tem por gloria o ser Mãy de Caetano , com sua graça. Ave Maria.

Querite primùm Regnum Dei. Ex cap. cit.

Quem differ de Caetano , que foy no mundo homem não homem , e parar absolutamente nestes termos, profere huma contradicção, que nem he, nem pòde ser. Mas quem affirmar de Caetano , que foy no mundo homem não homem , porque homem sem mundo , affirma o que pòde ser, e o que na verdade foy sem a menor sombra de contradicção. Isto pois he, o que digo , e affirmo de Caetano com os olhos na sua vida , e na empreza, que tomou. Mas que pouco digo , e que
curto

curto andey em prometter ! Porque se a empresa , e Instituto de Caetano me leva a dizer , que foy Caetano no mundo homem sem mundo ; a sua vida me está dizendo , que sem contradicção foy Caetano no mundo homem não homem. E se não, vede.

Homem he todo aquelle , a quem Deos fez tal por natureza ; e fazendo Deos a Caetano por natureza homem , foy elle tal , que se desfez de homem para se fazer monstro do amor de Deos. Notavel dizer ! Caetano monstro ? Sim ; e nem por isso temais ; que nem eu temo a censura do vocabulo , porque prègo hoje para doutos ; e bem sabem estes , que assim como ha , e pòde haver monstros na ordem da natureza , assim tambem os houve , e pòde haver na ordem da graça. Baste por exemplo dos que houve (que dos que pòde haver , ninguém me peça exemplo.) Baste , digo , por exemplo dos que houve o grande Bautista , que foy monstro da graça em seu nascimento ; e por isso causou temor , e espanto (que isso costumaõ causar os monstros) ainda aos mesmos vizinhos , que o viraõ nascer : *Factus est timor super omnes vicinos eorum*. Isto supposto , vede o como Caetano se desfez de homem em monstro por amor de Deos , e sabereis (o que tal vez se não sabia , nem vinha ao pensamento) que foy Caetano sem contradicção homem não homem ; porque homem , e monstro juntamente.

O dout.
Conta-
dor Ar-
gote.

Sentio Caetano hum dia (são palavras do seu Chronista ; que não tem lugar as minhas , onde estão as suas palavras.) Sentio Caetano hum dia mais abalado o peyto , e mais reforçado o incendio do amor ; rompeo em suspiros solicitando desafogo : eis se não quando sente arrancar-se-lhe o coração , e animado de duas azas de fogo ir veloz , e visivelmente voando para o Ceo. Reparay ,

ray, que aqui temos a Caetano já sem coração. Em outro dia (diz o mesmo Historiador) em outro dia tão alegre , como de Pascoa , contemplando Caetano o glorioso mysterio da Resurreyção ; eis que lhe apparece o Senhor triunfante da morte , e victorioso do inferno , e com amorosa affabilidade o convida a beber de seu divino lado (como quem lhe queria entregar seu coração;) aceytou o Santo a offerta, e bebeo aquelle sagrado licor , que lhe satisfez a sede, e aggravou a saudade. Tornay a reparar , que aqui temos agora a Caetano vivendo , e respirando com o coração de Deos. Não me consta com certeza a ordem destes prodigios ; porque não pude averiguar qual delles foy primeyro , e qual depois ; mas o certo he , que não foraõ ao mesmo tempo , se não em occasioens distinctas; e isso he o que me basta para deduzir por conclusão disjunctiva , que ou Caetano esteve sem coração por algum tempo , ou que houve tempo , em que hospedou dentro em si dous corações. Huma destas não se pôde negar , e qualquer dellas , que se conceda , sempre vêm a verificar-se a minha proposição , que foy Caetano homem não homem, ou homem monstro : homem por natureza , e monstro do amor de Deos.

A razão, em que me fundo , he Filosofia de todos, e vêm a ser ; porque os monstros ou se constituem por defeyto , ou por excessso. Ponde hum homem com duas cabeças , e outro sem nenhuma : ambos são monstros ; o primeyro por excessso ; o segundo por defeyto ; sem embargo de que o segundo menos espanto nos dera, por serem tantos , e tão frequentes no mundo , que já não causaõ espanto : logo ou Caetano fosse homem sem coração por algum tempo , ou fosse por algum tempo homem com dous corações , sempre se segue , que ou

por

por excesso ; ou por defeyto foy Caetano homem não homem , ou homem monstro : homem por natureza , e monstro do amor de Deos ; que este foy quem lhe arrancou o coração do peyto , e lhe trasladou ao peyto o coração do mesmo Deos.

Agora quizerá eu sem nota de temerario correr a cortina ao altar da divina Providencia , e saber, que faz o coração de Caetano lá no Ceo ao mesmo tempo , em que todos o estão vendo vivo cá na terra ? Se o coração he a fonte da vida , como vive Caetano sem coração ? E se tem o corpo na terra , porque ha de ter o coração no Ceo ? Direy o que conjecturo : porque quiz Caetano, ou Deos por elle mostrar então com este portento o mesmo, que eu pertendo persuadir agora, que he, e foy Caetano sem contradicção alguma homem não homem: homem pelo que se via cá na terra ; não homem pelo que passava lá no Ceo. Attendey.

Se o coração de Caetano estivera sempre em Caetano , ou residira em seu peyto , como Caetano estava *in via* , e não *in patria* , amára Caetano a Deos como o amaõ , e costumaõ amar os viadores. Tendo porém Caetano o coração no Ceo , he sem duvida , que havia de amar a Deos daquelle mesmo modo , e taõ perfeitamente como o amaõ , e costumaõ amar os bemaventurados. E que differença vay de amar como viador a amar como bemaventurado ? Bem podèra eu responder (e não respondia mal) que a mesma, que vay de amar como homem a amar como não homem : amar como viador he amar como homem : amar como bemaventurado he amar como não homem. Mas não digo ainda tanto , sem que primeyro vos diga as principaes differenças , que são duas.

A primeyra he : que o viador ama a Deos com de-

dependencia, e esperança do premio, e isto he interesse: o bemaventurado ama a Deos sem interesse, sem dependencia, ou esperança, porque já goza o que podia esperar: *Quod autem viaet quis, quid sperat?* A segunda he: que o viador ama a Deos com hum amor livre, isto he, com hum amor, que pôde declinar a odio, ou deyxar de ser amor: o bemaventurado ama a Deos com hum amor necessario, que não pôde deyxar de ser amor, e muyto menos declinar a odio. Donde se infere, que assim como nenhum homem, segundo as leys da providencia ordinaria, sendo viador, pôde ser ao mesmo tempo bemaventurado, porque estivera, e não estivera *in via*; estivera, e não estivera *in patria*: assim, e pela mesma razão nenhum homem pôde amar a Deos como bemaventurado, sendo ainda viador. E que sendo isto impossivel de se verificar em homem algum, se verificasse em Caetano! Que estando Caetano *in via*, ame já a Deos, como se estivera *in patria*! Que tendo o corpo na terra, tenha já o coração no Ceo! E que sendo viador, seja ao mesmo tempo bemaventurado! Vede, se tive razão, e grande razão para chamar a Caetano homem não homem? Mas baste de antiloquio, e vamos ao nosso assumpto, que já nos está chamando.

Ad
Rom. 8.
24.

*Caetano no mundo homem não homem,
porque homem sem mundo.*

SAõ os proprios termos do systema, que propuz. Mas tambem estes indicaõ sua implicancia; porque se Caetano foy homem, e viveo no mundo, como pôde verificarse, que foy Caetano homem sem mundo? Muyto bem se verifica, se considerarmos a Caetano vivendo neste mundo com huma total abstracção, e indepen-

pendencia delle. Mayor embarço. E como he possível, que Caetano, ou homem algum viva no mundo totalmente abstrahido, e independente do mesmo mundo? Se he possível, ou não aos outros homens, elles o discorraõ, que eu com isso me não meto; mas que foy possível a Caetano, e que ainda hoje he, e será sempre possível a seus preclaros filhos, nisso não tenho eu duvida, nem homem, que for Christão, a deve ter sobpena de se mostrar temerariamente incredulo ao que lhe diz a Igreja.

Ex
Offi.
lect. 5.

Veyo pois (e he o que a Igreja diz) veyo pois, e viveo Caetano neste mundo tão sem adherencia a elle, que só quiz inherir à Providencia divina: *Soli divine Providentie inherens*. Com os olhos nesta empreza fundou huma Religião, que a todos leva os olhos, a quem deo o nome da divina Providencia, para que este fosse, como na verdade he, o alvo de suas esperanças, e o norte de sua fé. De modo que Christo só mandava a Caetano, que buscasse o Reyno de Deos com hum *primùm*: *Querite primùm*; e Caetano buscou o Reyno de Deos, e da sua Providencia com hum *soli*: *Soli divine Providentie inherens*. Neste *soli* foy Caetano só; porque nem antes, nem depois teve exemplar, que o guiasse, ou imitador, que o seguisse.

Notavel empreza de homem! Notavel, e pasmoso Instituto de Caetano! Confiar na Providencia de Deos, todos o tem de obrigação. Esperar de Deos, e da sua Providencia o sustento para a vida, o abrigo para o corpo, o remedio para as faltas, todo o devem esperar; e com esta fé, ou confiança em Deos renunciaraõ muytos o que tinhaõ, e não só o que tinhaõ, mas ainda o poder ter. Assim o fizeraõ os Apostolos, que foraõ os primeyros; e depois delles os sagrados Patriarcas, glo-

gloriosos Fundadores de tantas, e tão illustres familias, quantas esmaltaõ, e exornaõ o Ceo da Igreja. Mas com isso está ; que nem aos sagrados Apostolos , nem a outro algum dos Patriarcas santos se pòde applicar o distico, que a Igreja applica a Caetano : *Soli divinae Providentiae inherens* : aquelle *soli* , e aquelle *inherens* he só , e singular para Caetano.

A razão he ; porque os Apostolos , que foraõ neste ponto os mais exactos, sim renunciãraõ tudo : *Re-Matth. liquimus omnia* ; mas apenas renunciãraõ , logo pediraõ : 19. 27. *Quid ergo erit nobis?* O pedir foy consequencia do não ter : pozeraõ-se em termos de não ter: *Reliquimus omnia*; e como se viraõ naquelles termos , a consequencia foy pedir : *Quid ergo &c.* Do mesmo , ou semelhante modo foraõ os santos Patriarcas. Todos absolutamente renunciãraõ o ter ; mas com esta ordem, e differença de estatutos : que huns renunciãraõ o ter em particular , mas não o ter em commun ; e destes foraõ meus santos Patriarcas Joaõ, e Felix: outros renunciãraõ o ter em particular , e tambem o ter em commun ; mas não renunciãraõ o pedir ; e assim foy o Serafim Francisco. Porém Caetano ? Caetano renunciou como todos , e renunciou como nenhum : renunciou como todos ; porque renunciou o ter em particular, e tambem o ter em commun : renunciou como nenhum , porque até o pedir renunciou. De modo que antes de Caetano vir ao mundo , já no mundo havia pobreza com rendas, mas sem pedir, (esta era a pobreza de hum Bento , e de hum Bernardo :) já no mundo havia pobreza sem rendas , mas que pedia (esta era a pobreza de hum Francisco.) Mas pobreza sem rendas , e sem pedir : pobreza de mãos abertas , e boca fechada , este genero summo , este requinte , ou quinta essencia da pobreza ainda estava por ver,

e vir ao mundo ; e esta foy a pobreza daq... e grande
homem , e homem sem mundo S. Caetano.

Com os olhos nesta pobreza , e proeza singular de
Caetano me occorreo ao pensamento huma cousa bem
estranha , que não posso deyxar de a proferir ; e vem a
fer : que assim como a Sé Apostolica no anno de 1529.
deu faculdade a Caetano , para que juntamente com os
seus Religiosos reformasse o Breviario ; assim parece
 devia dar agora faculdade a seus filhos para reformarem
a Oração , e Bulla da canonização de Caetano. Estran-
ho dizer ! E pois a Oração, e Bulla da canonização de
Caetano tem por ventura que emendar , ou necessitaõ
de reforma? No que respeyta a huma clausula, ou a hum
verbo cuydo que sim. E se não, ouvi a huma, e outra ,
e vede se me achais razão : *Deus qui Beato Caietano* (diz
a Oração) *Confessori tuo Apostolicam vivendi formam imitari*
tribuisti. Reparai no *imitari*, e vamos à Bulla : *Apostolicam*
vivendi formam , omnium rerum temporalium , & vel ipsa men-
dicandi cura posthabita , imitati sunt : eis-aqui outra vez o
mesmo verbo *imitati sunt.* De modo que ouvida a Ora-
ção , e ouvida a Bulla , assim em huma , como em ou-
tra sempre se diz que Caetano , e seus filhos imitaraõ a
forma , e pobreza da vida Apostolica ; e isto he , o que
parece se devia reformar. A razão he ; porque Caetano
na pobreza , que professou , e deo por instituto a seus fi-
lhos de nada ter , nem pedir , não imitou a forma da vi-
da Apostolica ; transcendeo sim , apurou sim , refinou
sim essa forma da vida Apostolica, e a mesma Apostolica
pobreza.

Baron.

A pobreza dos Apostolos muytas vezes pedio , e
mendigou, como sentem graves AA. e consta dos Actos
dos mesmos Apostolos. A pobreza de Caetano , e seus
filhos nunca mendigou , nem pedio , porque para pedir
nunca

nunca Caetano teve boca, nem quiz, que seus filhos a tivessem: podendo dizer-se deste grande Pay, e destes filhos por modo de elogio aquillo, que de outros disse lá o mesmo Deos em forma de vituperio: *Posuerunt in cælum os suum*; que pozeraõ a sua boca no Ceo; porque 72. 9. verdadeyramente do Ceo, e só do Ceo esperou Caetano, e esperaõ seus filhos o remedio para a boca. E he este tão pontual, que o põrem a boca no Ceo, e o verem-se soccorridos tudo he a mesma cousa. Assim o mostrou não só em huma, mas em muytas occasioens o mesmo Ceo com rarissimos, e evidentissimos prodigios. Quantas vezes se vio Caetano (humanamente fallando) e se vi- raõ seus filhos reduzidos ao ponto da mayor urgencia, necessidade, e miseria; e o mesmo foy põrem a boca no Ceo: *Posuerunt in cælum os suum*, que trocar-se em abundancia, a que era indigencia summa? Quantas vezes pedindo emprestado (mas não de esmola) grandes sommas de dinheyro, e consignando em pagamento o ouro, que o Ceo lhes cria nas minas da providencia; o mesmo foy põrem a boca no Ceo: *Posuerunt in cælum &c.* que ficarem os crêdores satisfeytos, e elles desobrigados? Quantas vezes assentando-se à mesa, e dando graças a Deos não de haverem comido, mas de não terem que comer; o mesmo foy põrem a boca no Ceo: *Posuerunt in cælum &c.* que mandar lhes o Ceo por hum Anjo o que talvez era pão dos Anjos, e certamente pão do Ceo: *Panem cæli dedit eis: panem Angelorum manducarunt psalm. homines*? Quantas vezes finalmente começou Caetano, 77. 24. e começaraõ seus filhos a levantar templos magnificos & 25. (que hoje por sua riqueza são os thesouros da Italia) sobre os alicèsses do nada, porque nada tinhaõ, com que dar principio nem ainda aos alicèsses; e o mesmo foy põrem a boca no Ceo: *Posuerunt in cælum &c.* que acaba-

rem-se os edificios , e começar em todos a estes povos a edificação ?

Daqui infiro eu (e devem confessar todos) hum glorioso excessão , que S. Caetano , e sua illustre familia faz a todos os mais Patriarcas , e Religioens sagradas. Tenhaõ hoje paciencia os mais, que tambem eu a tenho. O excessão he este ; que os outros sagrados Patriarcas fundaraõ as suas Religioens , e familias sobre huma pobreza simples , ou sobre huma só pobreza : Caetano porém fundou a sua Religiaõ , e illustrissima familia sobre huma pobreza duples , ou sobre duas pobreza. Os outros sobre huma pobreza simples , ou sobre huma só pobreza, que he o não ter : Caetano sobre huma pobreza duples, ou sobre duas pobreza : huma, que he o não ter ; outra, que he o não pedir , e esta de não pedir muyto mayor , que a de não ter. Atéqui , e mais não ! Atéqui pobreza de homem ! Mas não disse bem : atéqui pobreza de Santo ! Porque homem, que neste mundo se sacrifica a tanta pobreza , já neste mundo he homem santo. Santo he Caetano , (assim o cremos) e Santo canonizado pela Igreja : mas ainda que a Igreja o não canonizara , bastava a pobreza duples de seu Instituto para a elle , e a seus filhos os canonizar por Santos. Ora venha a Escriitura , e seja mais de espaço.

Psalm.

85. 2.

Custodi animam meam , quoniam sanctus sum , dizia a Deos o Rey dos Profetas. Guarday, Senhor, e defendey a minha alma , porque eu sou santo. Porque eu sou santo? Arrojado dizer ! E basta que vòs, meu Profeta, assim o digais ? Pois por certo , que outro conceyto , e muy diverso fizestes vòs de vòs mesmo em outras muytas occasioens, em que tambem fallaveis com Deos: que ereis peccador , e grande peccador, isso he o que vulgarmente se ouvia da vossa boca , e ainda hoje se lê nos vossos

Plal-

Psalms. Mas santo ; agora só vo-lo ouço : e como ainda estais no mundo , quizerá que me dissesseis , como pôde isso assim ser ; e quem vos canonizou ? Canonizou-me , diz David , ou canonizaraõ-me as minhas pobrezaas. As minhas pobrezaas ? E pois David professou muytas pobrezaas ? Sim ; que para serem muytas bastaõ duas : e como David foy duas vezes pobre (que isso declara no verso antecedente : *Quoniam inops, & pauper sum ego,*) pobre hum vez , porque não tinha , que isso significa *pauper* ; e outra vez pobre , porque não pedia , que esse he o rigor da palavra *inops* : como David , torno a dizer , foy duas vezes pobre , ou professou duas pobrezaas , a pobreza do não ter , e a pobreza de não pedir ; essa pobreza duples , ou essa duplicada pobreza he prova taõ legal de santidade , que estando ainda David no mundo , já no mundo o canoniza por santo : *Quoniam sanctus sum : Quoniam inops , & pauper sum ego.*

Eu não sey , se falo de David , se de Caetano : mas o caso he , que de David he o nome , de Caetano a allegoria. Primeyro que a Igreja canonizasse a Caetano , já o mundo todo o venerava por santo. Homem santo , e santissimo era o vulgar appellido , que Caetano tinha na boca de todos : *Vir sanctissimus* : e com razãõ ; porque as suas virtudes eraõ tantas , e taes , que de justiça lhe davaõ esta gloriosa antonomasia. Quem via as chammas de amor de Deos , em que Caetano se abrafava , já incendiando-lhe o rosto , já levantando-o ao ar , já arrancando-lhe o coração do peyto , já finalmente crucificando-lhe o corpo na mesma Cruz de Christo , onde gostou , e padeceo , ou padeceo por gosto todos , e cada hum dos tormentos de sua sacratissima payxaõ ; quem via , digo , em Caetano este heroico amor de Deos , dizia : Caetano he homem santo ; e dizia bem ; porque este foy o amor

de Deos em hum Santo Agostinho, em hum S. Filippe Neri, em hũa Santa Teresa. Quem via o zelo ardentissimo sempre, e incansavel, com que Caetano procurava a salvaçaõ dos seus proximos (chamado por esta causa Caçador das almas : *Venator animarum*,) dizia : Caetano he homem santo, e dizia bem ; porque este foy o zelo de hum S. Domingos, de hum S. Ignacio, de hum S. Xavier. Quem via a caridade extremosa, com que Caetano soccorria aos pobres, chegando a vender o que sobre tudo estimava, que era a sua livraria, só para ter que lhes dar ; o desvelo, e piedoso carinho, (por não lhe chamar sagrado abatimento) com que assistia nos hospitaes aos enfermos, e o que mais he, aos empèstados, fazendo camas, varrendo enfermarias, e administrando-lhes o comer por suas proprias mãos ; quem via, digo, em Caetano estes, e outros empregos da caridade mais rara, dizia : Caetano he homem santo, e dizia bem ; porque esta foy a caridade de hum S. Joaõ de Deos, e de huma Rainha santa. Quem via a abstinencia, ou jejuns continuos, com que Caetano macerava, e mortificava o corpo para avivar o espirito ; os cilicios, com que o apertava ; a piedade cruel, com que o feria (em termos taes, e com rigor tanto, que se podèra duvidar com fundamento, se tinha Caetano corpo verdadeyro, ou se era espirito Angelico metido em algum corpo fantastico.) Quem via, digo, e ouvia estes golpes, estes jejuns, estas mortificaçoens, dizia : Caetano he homem santo, e dizia bem ; porque estas foraõ as mortificaçoens, os jejuns, e as disciplinas de hum S. Jeronymo, de hum S. Francisco, de hum S. Bruno. Finalmente: Quem via em Caetano unidas, e aggregadas aquellas virtudes todas, que Deos antes, e depois dividio, e repartio por todos os seus Santos, dizia, e
com

com razaõ: Caetano he homem santo; e se pòde haver homem santissimo, santissimo he Caetano: *Caietanus vir sanctissimus*.

Assim, e por todas estas virtudes canonizou a Caetano a voz do mundo, antes que o canonizasse a voz da Igreja. Mas o certo he, que sem recorrer ao processo quasi infinito de todas suas virtudes, huma só bastava, para que o mundo a Caetano, ou Caetano a si mesmo se canonizasse. E que virtude he esta? He a que vamos ponderando de seu divino Instituto: aquella deliberaçaõ, e confiança, com que Caetano se fez pendente, e independente: pendente da mão de Deos, e da sua Providencia, independente do mundo, e de tudo, o que o mundo traz nas mãos: em fim, aquella pobreza duples, com que se cingio a si, e apertou a seus filhos de nada ter, nem pedir, esta só bastava para o declarar por santo; bem como só por esta se acclama santo, David: *Quoniam sanctus sum: Quoniam inops, & pauper sum ego*.

Mas se Caetano (vamos apurando, e apertando este ponto) se Caetano, e sua illustre familia he pobre por tantos titulos: pobre, porque não tem, nem pòde ter; e pobre, porque não pede, nem pòde pedir, como se conserva no mundo esta milagrosa Religiaõ? Mas esse he o milagre da Providencia de Deos, e da fé de Caetano. A fé de Caetano fundou esta Religiaõ com os olhos na providencia: e a mesma providencia, que toda he olhos: *Providentia, procul videntia*, obrigou-se tanto desta fé, que em premio, e remuneraçaõ della conservava, e ha de conservar até o fim do mundo a Religiaõ de Caetano. Ainda não disse tudo; agora direy o mais.

Criou Caetano a esta Religiaõ, como Deos criou ao homem. Deos criou ao homem com taõ maravilhoso, e soberano artificio, que os olhos, e as raizes tudo

Ihe poz para cima, e não para baixo; tudo para o Ceo, e não para a terra: e deste mesmo molde se valeo Cae-tano para criar esta sua Religião. Criou-a em baixo sim, porque a criou na terra, mas com os olhos para cima: *V. 26. Respicite volatilia cæli;* e com as raizes, ou rendas no Ceo: *Quærite primum Regnum Dei.* Daqui vem chamarem-se os filhos desta Religião filhos da divina Providencia, e com igual propriedade Theatinos. Filhos da divina Pro-videncia; porque a Providencia divina os criou, e a mesma Providencia os conserva. Theatinos; porque to-do o teu emprego he olhar, e contemplar no Ceo espe-rando de Deos, e só de Deos; que isso significa, e quer dizer Theatinos. Vede agora, se he possível faltar, ou padecer ruína hum edificio, que tem as raizes, e os fundamentos no Ceo? Faltarão os edificios todos: arrui-nar-se-hão as torres de Babel por mais que as mãos dos homens trabalhem pelas ter-mãos; mas o edificio mystico de hũa tal Religião, que tem as raizes, e os fundamen-tos no Ceo, seguro está de faltar. Oh grande Religião! Duzentos, e seis annos contas já da tua duração: tantos tem corrido de hum Clemente a outro Clemente; de hum Clemente VII. em cujas mãos nasceste, a hum Clemente XII. em cujas mãos te conservas, e sempre tão firme, e tão a mesma, que em nada descahiste da-quelle primeyro ser; mas por isso em nada descahiste, nem has de descahir, porque te firmas em nada, e sobre nada.

Naõ cessa David de encarecer a grande firmeza, e segurança, com que Deos fundou a terra: *Etenim fir-mavit orbem terræ, qui non commovebitur,* diz no Psalmo 92. e logo no Psalmo 103. repete o mesmo por differentes palavras: *Fundasti terram super stabilitatem suam, non in-clinabitur in seculum seculi:* livre está a terra de cahir, ou des-

Psal. 92. v. 2.

Psal. 103. v. 5.

descalhir: livre, e segura de se commover, ou inclinar: *Non commovebitur, non inclinabitur*. E donde vem à terra tanta segurança, e firmeza? Se me dizem, que do fundamento; contra esse fundamento está hum texto de Job, em que diz, que Deos fundou a terra sobre nada: *Appendit terram super nihilum*; e se a terra está fundada sobre nada, que firmeza lhe pòde dar o nada? Digo, que muyto grande, e a mayor firmeza. Antes por isso mesmo, que está fundada em nada, e sobre nada, por isso mesmo está segura, e tão segura a terra: a razão deste natural segredo he; porque o edificio fundado sobre nada, como peza em equilibrio, não inclina mais a huma, que a outra parte; e todas as vezes, que não ha, nem pòde haver inclinação, tambem não ha, nem pòde haver ruina; porque as ruinas são consequencia das inclinações. Assim fundou Deos a terra; e assim fundou Caetano a sua Religião: Deos fundou a terra sobre nada: *Appendit terram super nihilum*; e Caetano a sua Religião sobre o nada da terra *Nolite solliciti esse*. Mas tão firme, e segura a Religião de Caetano sobre o nada da terra, quão *V. 34.* firme, e segura está a mesma terra sobre o seu nada: *Appendit terram super nihilum: Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in seculum seculi.*

Milagrosa Religião! Religião, que fundada sobre nada, e sem raizes algumas assim dura, assim floresce, assim se conserva! Isto he milagre, ou he Religião? Mas tudo he. He Religião de milagre, e o milagre das Religioens. Humas palavras de Plinio me explicarão em metaphora. *In miraculis* (diz Plinio falando dos casos, que elle tem por milagrosos na creação das arvores) *In miraculis vel maximum est aliquid nasci, & vivere sine radice*: Haver arvore, que nasça, que se crie, e sustente sem raiz não só he prodigio, mas eu o tenho pelo mayor mi-

milagre : *In miraculis vel maximum*. Santo Hilario quer , que isto aconteça naturalmente em o lirio ; do qual diz , que arrancado da terra , e da raiz , ainda florece , reverdece , e se torna a vestir da sua gala : *Lilium etiam avulsam à radice , & à terra ex se efflorescit , & virescit , & rursum suo honore vestitur*. Se he assim , como quer o santo Doutor , não lhe acho outra razão , mais que ser o lirio emblema de Caetano , e de sua Religião : *Considerate lilia agri , quomodo crescunt*. Mas o certo he , que a sentença de Plinio tem por si a razão , e a experiencia ; as quaes mostraõ , que sem o succo da terra nenhuma arvore , ou planta tem vida vegetativa. Antes me parece , que sem Plinio ser profeta , falou aqui em profecia ; porque este he o milagre , que a Escritura nos conta , e celebra por mayor na vara sacerdotal. Attendey.

Duas varas muyto celebres , porque milagrosas ambas , se encontraõ na Escritura : a de Moysés , e a de Aaraõ. A de Moysés choveo milagres ; e tantos , que só se numeraõ bem , dizendo , que não tem numero. Na de Aaraõ , hum só milagre se vio , que foy o achar-se florida entre as mais varas de seus competidores à dignidade sacerdotal : *Invenit germinasse virgam Aaron* : com tudo da vara de Moysés não sey , que Deos mandasse fazer memoria alguma : da vara de Aaraõ sey , o que o texto diz , que a mandou Deos guardar no tabernaculo para memoria de hum taõ grande portentoso : *Refer virgam Aaron in tabernaculum testimonii , ut servetur ibi in signum*. Agora o reparo. A vara de Moysés , que no Egypto obrou tantos , e taõ estupendos prodigios , não se manda guardar , nem della se faz memoria alguma : e da vara de Aaraõ por hum só milagre , que nella se vio , se faz tanto caso , que se guarda no tabernaculo de Deos para eterno padraõ do seu prodigio : *Servetur in signum* ? Sim ; que

que para isso excedeo o milagre desta vara a todos, quantos obrou a vara de Moysés. Não vem, que a vara de Aaraõ sem terra, e sem raiz reverdeceo pomposa, vestindo-se de folhas, ornando-se de flores, e coroando-se de frutos? Assim foy: pois vara, que sem receber alimento da raiz, ou sem ter raiz, que lhe preste o alimento, assim vive, assim floresce, e fructifica; esta vara he hum prodigio, he hum milagre esta vara, e milagre taõ grande, que deve ser tido, e havido pelo mayor milagre: *In miraculis vel maximum: Servetur in signum.*

Não ha para que accõmodar, o que todos teraõ já accõmodado. Vara de Aaraõ, porque vara sacerdotal, he a Religiaõ de Caetano. A vara de Aaraõ deo hum Prelado à Synagoga: a vara, ou Religiaõ de Caetano deo à Igreja hum Pastor supremo com o nome de Paulo IV. e alem deste deo, e tem dado à mesma Igreja tantos Pastores, e Prelados, que cada hum de seus Conventos he chamado em Italia hum seminario de Bispos, Arcebispos, e Cardeaes. Daquelles seminarios da virtude, e da nobreza sahiraõ em grande numero os Nuncios, os Internuncios, e os primeyros Ministros da Romana Curia, que servindo de colunas à Sé Apostolica, serviaõ igualmente de alma ao corpo mystico de toda a Igreja. A vara de Aaraõ deo folhas, deo flores, e deo frutos: *Eruperant flores, qui foliis dilatatis in amygdalas deformati V. 8. sunt.* A vara, ou Religiaõ de Caetano tudo isto deo, e tudo dá. Deo, e dá folhas; porque não cessa de cansar gostosamente os prelos, e enriquecer as livrarias com a immensidade de volumes, que seus filhos compozeraõ, e vaõ compondo. Deo, e dá flores: porque se estas são emblema das virtudes, jardim de flores he cada hum de seus filhos, porque cada hum delles na observancia, e exemplo he hum jardim de virtudes. Finalmente: deo

deo frutos , e dá frutos nas infinitas almas , que ganha , e ganhou sempre para Deos , já nos pulpitos , já nos confessionarios , já na reforma do Clero , já na repulsa , e recontro dos Herefiarcas , já finalmente no exercicio das milloens , e conversão do gentilismo nas Indias Orientaes ; onde entre os grandes frutos , que esta Apostolica , e espiritual vara produzio , o que mais se abalizou a todos , e entre todos , foy refuscitar o uso , e a frequencia da sagrada communhaõ , que naquellas partes estava quasi extincta.

Em todas estas circumstancias se assemelha , e retrata a Religiaõ de Caetano naquella vara de Aaraõ. Mas não he este o ponto , que eu queria provar. O meu ponto , e a conclusãõ delle he : Que se aquella vara sacerdotal foy vara de milagre , e o milagre das varas , porque floreceo sem terra , e se alimentou sem raiz : *Invenit germinasse virgam ; servetur in signum* ; a Religiaõ de Caetano , que sem raiz , e sem terra ; sem rendas , e sem pedir assim dura , assim florece , assim se conserva ha mais de duzentos annos , porque se não dirá Religiaõ de milagre , e o milagre maximo das Religioens : *In miraculis vel maximum est aliquid nasci , & vivere sine radice* ? Eu pelo menos nenhuma duvida tenho em lhe outorgar a gloria do epicteto. Antes accrescento , e digo , que milagre tão permanente , e que tanto haja durado como a Religiaõ de Caetano , ainda se não vio em o mundo. Ora venha o Sacramento pòr a coroa ao Sermaõ , e tambem para que se não diga , que morre sem Sacramento.

De todos os milagres , e maravilhas de Christo diz D. o Angelico Mestre , e Doutor S. Thomás , que he aquelle Thom. Sacramento o maximo : *Miraculorum ab ipso factorum maximum*. E em que ? Ou porque ? Muytas razoes me 57. occorrem ; mas apontarey só duas tão proprias , e cernentes

cernentes ao milagre desta Religião , que não parecem
discorridas , se não achadas. Vamos com a primeyra.
He aquelle Sacramento o mayor milagre , porque he o
milagre, que mais tem durado, e ha de durar em o mun-
do. Todos os mais mysterios de Christo, assim os da vi-
da , como os da morte , e ainda os que se seguíraõ à
mesma morte , todos foraõ insignes milagres ; mas ar-
rebatados todos : o encarnar durou hum instante : o
nascer breves minutos : o viver trinta , e tres annos : o
morrer breves horas : o resuscitar tres dias : o subir ao
Ceo hum raptó de olhos. Porém o Sacramento tem du-
rado , e durará por seculos de seculos : *Usque ad consum-* *Matth.*
mationem seculi: e ainda que são insignes milagres os que 28.
passaõ, mayores milagres são os que duraõ : *Miraculorum*
maximum.

A segunda razãõ he a qualidade do mesmo milagre.
E se não digaõ-me os que tem obrigação de o saber di-
zer , que milagre succede naquelle Sacramento ? O mi-
lagre (me dizem) são huns accidentes de paõ , que se
sustentaõ , e conservaõ sem sustancia de paõ : não tem
paõ, com que sustentar-se , e milagrosamente se susten-
taõ. Pois este he o milagre desta Religião sagrada : hũa
vida taõ milagrosa , que se sustenta sem sustancia : hũa
vida taõ sacramentada , que pôde durar, e viver sem sus-
tancia propria de paõ. Antes se o Angelico Doutor me
der licença (que por esta vez fim dará) animo-me a
dizer , que nesta circumstancia, mayor , ao que parece,
he o milagre desta Religião , que o milagre do Sacra-
mento. Dou a minha razãõ, e se não for boa, não se ad-
mitta. A razãõ he ; porque o milagre do Sacramento
são huns accidentes, que não tem paõ, mas pedem paõ ;
porque Deos , que lhes tirou a sustancia do paõ , não
lhes tirou, nem lhes podia tirar a postulancia, ou exigen-
cia ,

cia, com que o pedem, e estão pedindo: o milagre porém desta Religião são huns homens (o melhor dissera huns Anjos, porque só dos Anjos se presumira, e esperara outro tanto) são huns homens, digo, que não tem pão, nem pedem pão; e o que he mais, que nem o podem pedir: logo mais milagrosos, quanto a esta circumstancia, são os filhos de Caetano, do que os mesmo accidentes eucarísticos: estes pedem o que não tem, e aquelles não tem, nem pedem.

Notavel Pay! Pasmosos Filhos! Milagrosa Familia! Familia de homens, que vivem como Anjos. Familia de homens com vida sacramentada. Familia de homens sustanciaes sem sustancia. Familia em fim de homens, e daquelle grande homem, que vivendo no mundo foy verdadeiramente homem sem mundo; porque só buscou, e ensinou a seus filhos como haviaõ de buscar o Ceo, Reyno de Deos, e da sua Providencia. *Querite primum Regnum Dei.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

